

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ANTÔNIO AUGUSTO DO NASCIMENTO COSTA

A FENOMENOLOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

TERESINA

2022

ANTÔNIO AUGUSTO DO NASCIMENTO COSTA

A FENOMENOLOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Filosofia do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí para obtenção do título de Licenciado em Filosofia sob a orientação da Profª. Mª. Elisângela Amaral Soares Osório.

7319
100
C8374

COD - 100

15680-18/03

TERESINA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Costa, Antônio Augusto do Nascimento

C837f A fenomenologia a partir do pensamento de Edith Stein. / Antônio Augusto do Nascimento. - 2022.
37 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Instituto Católico de Estudos Superiores - ICESPI, Curso de Licenciatura em Filosofia, Teresina, 2022.

Orientador : Profª. Ma. Elisângela Amaral Soares Osório.

1. Fenomenologia 2. análise 3. Husserl 4. Edith Stein I.Título.

CDD – 100

Elaborado por Ana Paula Ribeiro da Silva CRB- 3/1704

ANTÔNIO AUGUSTO DO NASCIMENTO COSTA

A FENOMENOLOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ

Curso de Licenciatura em Filosofia

Data de aprovação: ____ de ____ de 2022

Elisângela Amaral Soares Osório

Profª. Mª. Elisângela Amaral Soares Osório

Orientadora

Profº. Dr. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

Primeiro Examinador

Profº. Me. Antônio Danilo Feitosa Bastos

Segundo Examinador

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e a Jesus Cristo que me deram a vida e a oportunidade de viver este dom vocacional. A Virgem Maria, Senhora da Salette, que sempre será meu auxílio e refúgio. A Santa Ana e Santa Teresa Benedita da Cruz por intercederem por mim durante todo este período. A minha família em nome de meus pais Iracema Miranda do Nascimento, Antônio Augusto Costa do Nascimento, a meu pai de criação Ivanildo Vieira de Souza, a meus irmãos José Mikael, Luciano e Madrinha Raquel. À professora orientadora, M^a. Elisângela Amaral Soares Osório, pela confiança, compromisso, dedicação no período da elaboração desta monografia. Aos professores do ICESPI (Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí), especialmente ao Prof. Pe Genivaldo do Nascimento Pereira, pela contribuição no projeto desta monografia. A Diocese de Parnaíba, na pessoa de meu primeiro formador e bispo diocesano Dom Juarez Souza da Silva. Esta dedicatória destina-se também a minha comunidade da Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição na pessoa de seu atual pároco Pe. Ézio Rodrigues e aos diáconos Jackson e Raimundo, pelo apoio e orações. Os meus irmãos seminaristas de nossas dioceses que formam nosso regional Nordeste IV, em especial os da Diocese de Parnaíba que juntos compõem nossa casa de formação Dom Edílberto Dinkelborg, aos irmãos de caminhada Carlos Alves, Danilo, Lucas Pontes e Guilherme, que me ajudaram de muitas maneiras. A meus formadores, Pe. Anderson Fábio, Pe. Clenes Guedes e Pe. José Raimundo; aos formadores da casa da Teologia, na pessoa de Pe. Antônio Soares. Com admiração dedico este trabalho a Pe. Brasilino, Pe. Raimundo José, Pe. Cláudio Santana. Com alegria dedico esta monografia a todos os membros da comunidade Sobradinho, minha origem na fé e na vocação, Francilene Araújo Pinto, Francenilson Castro, Lucimar Silva Albuquerque, Família Pinto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, fonte de amor, comunhão com a santa Igreja. Aos amigos benfeitores do projeto Amigos Benfeitores do Seminário da diocese de Parnaíba pelo apoio e incentivo às vocações. Ao corpo formativo do seminário interdiocesano Sagrado Coração de Jesus, casa da filosofia Dom Edilberto Dinkelborg na pessoa de Pe. Anderson Fábio. Ao corpo de funcionários do ICESPI, na pessoa do seu diretor, Padre Clodomiro de Sousa e Silva. A Prof^a. M^a. Elisângela Amaral Soares Osório, minha orientadora e aos examinadores desta banca Prof^o. Dr. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho e Prof^o. Me. Antônio Danilo Feitosa Bastos.

“Se me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava”.

(Edith Stein)

RESUMO

A teoria fenomenológica desenvolvida por Edith Stein tem sua raiz no pensamento (Fenomenologia) de seu mestre Edmund Husserl, fundador deste estilo de pesquisa e um dos maiores filósofos do início do século XX. O tempo em que Edith foi orientanda de Husserl e dedicação como sua assistente contribuiu positivamente para que a autora se tornasse independente em sua teoria, que fenomenologicamente iniciou-se na sua tese *Sobre o problema da empatia*. O pensamento fenomenológico da filósofa consiste em um procedimento de análise de grande acuidade, que penetra com profundidade o material dado ou o objeto. Devido a sua aproximação da nova ciência criada por Husserl com a filosofia de Tomás de Aquino, a empreitada filosófica de Stein se tornou um diferencial entre o grupo de alunos que se concentraram em Gotinga. Portanto, esse estilo de pesquisa acompanha Edith Stein em toda sua produção e desenvolvimento intelectual, obras e conferências.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia. Tomasianismo. Objeto. Husserl. Análise.

ABSTRACT

Die von Edith Stein entwickelte phänomenologische theorie hat ihre wurzeln im Denken (Phänomenologie) ihres meisters Edmund Husserl, begründer dieses forschungsstils und einer der größten Philosophen des frühen zwanzigsten Jahrhunderts. dass phänomenologisch in seiner dissertation über das Problem der Empathie begann. Das phänomenologische Denken des Philosophen besteht aus einem analyseverfahren von großer Schärfe, das mit Tiefe in das gegebene material oder das objekt eindringt. Aufgrund seiner Annäherung an die von Husserl geschaffene neue Wissenschaft an die Philosophie von Thomas von Aquin wurde Steins philosophisches Werk zu einem Unterschied innerhalb der Gruppe von Studenten, die sich auf Gotinga konzentrierten. Daher begleitet dieser Forschungsstil Edith Stein während ihrer produktion und geistigen Entwicklung, ihrer Arbeiten und Konferenzen.

KEYWORDS: Phänomenologie. Tomasianismus. Objekt. Husserl. Analyse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....11

1 VIVÊNCIA DE EDITH STEIN COM EDMUND HUSSERL.....12

1.1 A FASE EM GOTINGA.....12

2 ASSOCIAÇÃO DA FENOMENOLOGIA COM O TOMASIANISMO.....19

2.1 PROXIMIDADES E DIFERENÇAS ENTRE HUSSERL E AQUINO.....19

3 A FENOMENOLOGIA NO PENSAMENTO STEINIANO.....25

3.1 O PROBLEMA DA EMPATIA, MARCO INICIAL DA FENOMENOLOGIA
STEINIANA.....25

3.2 SER FINITO E SER ETERNO.....26

3.3 O QUE É FENOMENOLOGIA?.....29

3.4 A FENOMENOLOGIA E SEU SIGNIFICADO DE VISÃO DE MUNDO.....30

CONCLUSÃO.....35

REFERÊNCIAS.....36

INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XIX é marcada pelo surgimento do movimento fenomenológico. Edmund Husserl (1859-1938) criou um caminho inteiramente seu: a fenomenologia. A reflexão fenomenológica é de grande profundidade que desafia seus simpatizantes até os dias atuais. Husserl traz a afirmação do *retorno às coisas mesmas*, ou seja, retorno às essências. Esse retorno se dá de forma imediata, tendo como objetivo chegar à intuição das essências, isto é, chegar ao coração do fenômeno. Considerando a fenomenologia como uma forma de filosofar, o presente trabalho busca construir uma reflexão acerca da compreensão de Edith Stein com essa nova corrente de pensamento, bem como sua produção fenomenológica autônoma. Para tanto, o foco recai sobre a aproximação da autora com o pai desta corrente de pensamento.

A discussão desse trabalho é a fenomenologia a partir do pensamento de Edith Stein. Nesse hiato, a mesma tem como problemática a seguinte questão: o que é a Fenomenologia para Edith Stein?

Para o melhor desenvolvimento desta discussão, a mesma será dividida em três partes: o primeiro capítulo inicia-se com a fase de Gotinga, cidade em que Stein viajou para iniciar seus estudos próximo à Edmund Husserl, por isso, esse período de tempo marca o início de uma nova fase na filosofia percorrido por ela. Nesse cenário, homens e mulheres interessados em estudar a fenomenologia de Husserl reuniam-se em torno do mestre para o aprofundamento da “nova” maneira de filosofar. O que a torna diferencial entre os demais alunos é sua aplicação da fenomenologia com a filosofia de Tomás de Aquino (1225-1274).

O segundo capítulo se estrutura a partir da associação da fenomenologia com a filosofia de Tomás de Aquino. O contato com o pensamento medieval de Aquino, faz Edith perceber algumas semelhanças nas teorias de Husserl e Tomás, aproxima então a idade média com a moderna. Ancorado na obra *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*, o intento será mostrar as semelhanças e diferenças entre os dois filósofos na visão steiniana.

O terceiro capítulo trata-se de um apanhado daquilo que Edith Stein havia aprendido fenomenologicamente com Husserl. Para atingir o objetivo deste assunto, apresentaremos artigos e textos steinianos como analisaremos alguns pontos da obra intitulada *Ser finito e ser eterno*, em que a autora usa a fenomenologia. Portanto, esta última parte tem como intuito ajudar na compreensão e verificação da produção filosófica de Edith no campo da fenomenologia.

1 VIVÊNCIA DE EDITH STEIN COM EDMUND HUSSERL

A fenomenologia despertou em Edith Stein um encantamento, tendo em vista que viu nesta forma de filosofar a possibilidade de encontrar respostas para as questões que trazia acerca da religião, da psicologia, mas que ainda estavam em aberto. Assim, a pesquisadora tornou-se filósofa e se apropriou desta ciência em seus escritos. Sobre a fenomenologia ser nomeada acima como ciência, Ferreira nos explica que “toda ciência é basicamente uma investigação acerca dos fenômenos. Ora, fenômeno é aquilo que aparece e se mostra aos nossos olhos e pode ser conhecido” (FERREIRA, 2008, p. 52). Assim, esta ciência consiste no estudo dos fenômenos que se mostram à consciência humana.

Na sua tese *O problema da empatia*, que consta o início de suas pesquisas filosóficas, “ela, se queixara por ter sido forçada a efetuar a redação da sua tese sem a orientação constante do mestre, agora toma consciência de ter alcançado sozinha os mesmos resultados que o mestre veio procurando desde 1905 [...]” (BELLO, 2000, p. 82). Dessa forma, assume que os resultados encontrados são de caráter totalmente autônomo.

A filósofa em estudo também fez publicação de alguns artigos de caráter fenomenológicos, tendo como principal intuito apresentar os resultados encontrados por Husserl em uma visão histórica e conceitual. A grande preocupação era apresentar a nova ciência, sua contribuição para o meio filosófico e até mesmo além da filosofia. Úrsula Matthias na apresentação do capítulo “o que é fenomenologia” do livro *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*, diz que “esses artigos dão testemunho do enraizamento profundo de Edith Stein na fenomenologia husserliana.” (STEIN, 2019, p. 33-34). Um salto maior se encontra na obra *Ser finito e ser eterno*, considerado sua obra madura, em que Stein faz “uma tentativa de correlacionar a fenomenologia, a ontologia e a filosofia da existência.” (STEIN, 2019, p. 26). Para que se chegasse à ascensão da fenomenologia steiniana, foi preciso um caminho percorrido por ela, que será descrito neste capítulo, caminho que se iniciou em Gotinga e perpassou durante sua vivência filosófica.

2.1 A fase em Gotinga

Primeiramente, é válido destacar como essa corrente de pensamento se iniciou e como Husserl (1897-1977) se debruçou diante de tal ciência. Para tanto, grande máxima de Edmund Husserl é de que a fenomenologia é um *retorno às coisas mesmas*, é o “processo de ir ao próprio fenômeno para desvendá-lo, tal como ‘se mostra em si mesmo’, independentemente das teorias

a seu respeito” (FORGHIERI, 2002, p.11). O *retorno às coisas mesmas* é o resultado da via de percepção do indivíduo para com o objeto, “essas coisas mesmas não correspondem apenas ao conteúdo perspectivo da experiência, mas, à essência das coisas, ou seja, o sentido delas” (GOTO; MORAES, 2016, p. 59).

À luz do pensamento de Husserl, Forghieri descreve que “a coisa mesma” é senão o fenômeno que se mostra, este faz uma integração direta com a consciência, enquanto o objeto é o foco dela:

A “coisa mesma” é entendida por ele não como realidade existindo em si, mas como fenômeno, e o considera como a única coisa à qual temos acesso imediato e intuição originária; o fenômeno integra a consciência e o objeto, unidos no próprio ato de significação. A consciência é sempre intencional, está constantemente voltada para um objeto, enquanto esta é sempre objeto para uma consciência; há entre ambos uma correlação essencial, que só se dá em uma intuição originária da vivência. (FORGHIERI, 2002, p. 15).

Algo muito ligado à fenomenologia, que permite ainda mais uma abertura à sua compreensão é a intuição, esta, que por sua vez, permite ao indivíduo o conhecimento imediato que vai direto ao objeto, Husserl na sua obra *Investigações Lógicas*, descreve que:

Os conceitos lógicos, enquanto unidades de pensamento dotadas de validade, devem ter a sua origem na intuição; eles devem, através da abstração ideadora, despontar com base em certas vivências, e devem comprovar-se sempre outra vez em cada nova consumação desta abstração, devem ser captados na sua identidade consigo próprios. [...] Queremos retornar às “próprias coisas”. Com base em intuições plenamente desenvolvidas, queremos trazer, para nós, à evidência que isto, que aqui está dado numa abstração atualmente consumada, é verdadeira e efetivamente aquilo que as significações das palavras querem dizer na expressão das leis; e queremos, do ponto de vista da prática do conhecimento, despertar em nós a disposição para manter firmemente, na sua identidade inamovível, as significações, através da sua repetida mensuração pela intuição reprodutível. (HUSSERL, 2015, p. 04-05).

Edith, por sua vez, em comunhão com Husserl, diz que a intuição é um meio de desprezar o que há de accidental no fenômeno: “uma determinação ou qualidade casual ou fortuita que pode pertencer ou não a determinado sujeito, sendo completamente estranha à essência necessária (ou substância) deste” (ABBAGNANO, 2007, p. 13). Rejeitando o que há de accidental no fenômeno, extrai-se a sua essência: “A intuição fenomenológica não é simplesmente uma determinação da essência *one intuitu*. Engloba uma elaboração que extrai

essências pelo trabalho cognitivo do *intellectus agens*: abstração no sentido de dispensar o accidental e enfatizar positivamente o essencial” (STEIN, 585, p. 2002).

Husserl aponta um caminho que inicia pela percepção e que resultará na significação que a consciência dará àquele determinado objeto. Afinal, o que é o objeto? “(...) entende-se por objeto não somente as coisas materiais, mas também as formas de categorias, as essências e os “objetos ideais” em geral” (ABBAGNANO, 2007, p. 438). Assim, não podemos restringir unicamente um objeto a ser analisado pelo método, mas engloba um todo. Em acréscimo, esse caminho de pesquisa (fenomenologia) busca conhecer aquilo que se mostra (objeto), que também pode ser denominado por fenômenos ou coisas.

Simultaneamente, uma tarefa fundamental da fenomenologia é “identificar a experiência ou a vivência que fundamenta cada conhecimento” (FILHO, 2021, p. 31). Com efeito, a ação fundamental diante de um determinado objeto a ser observado deve ser livre, antes de tudo, de qualquer explicação imediata, fazendo com que chegue ao que há de compreensível no referido objeto. Assim, deve ser suspenso todo e qualquer pensamento imediato sobre o objeto, antes mesmo de encontrar o que há de inquestionável no mesmo, cabendo ao fenomenólogo examinar as percepções que ele tem do mundo, que possivelmente estarão diante de si, e, conseqüentemente, essa busca resultará num grau maior de evidência.

Partindo para o cerne da questão, há um caminho para se chegar à compreensão do sentido das coisas, esse caminho passa pela *redução eidética* e pela *redução transcendental*. Esta primeira se faz na busca pelo sentido da coisa em si, a essência, ou *eidos* (termo grego que quer dizer ideia, mas é usada não como um produto da mente, mas como *sentido*) como usa Husserl, tal redução acontece quando o sujeito extrai os dados essenciais da sua experiência; Assim sendo, “nos juízos de validade eidética geral, se visa julgar sobre as determinações essenciais do particular, ainda que seja do particular tomado como geral (...) nos juízos eidéticos, nós versamos sobre o ‘eidos’ enquanto tal, nos juízos sobre essência, julgamos sobre tal ‘eidos’, é buscar, captar as essências (FERREIRA, 2008, p. 62). Na redução transcendental, por sua vez, o principal objetivo não é buscar o essencial no fenômeno, mas, o olhar está voltado ao sujeito, assim “ a característica da pesquisa de Husserl é a pergunta ‘Por que o ser humano procura sentido?’ e também, ‘Quem é este ser humano?’ ‘Como é feito este ser humano que busca sentido?’ , é buscar compreender como é o ser humano por dentro, compreender como a consciência dá sentido a coisa (BELLO, 2006, p. 26).

Machado descreve de forma precisa como se deu pela primeira vez o contato de Stein com a fenomenologia, explica que:

Stein toma conhecimento da fenomenologia quando o professor neo-kantiano Hönlswald, em um seminário em que ela participava, lê artigos sobre a novidade que vinha se destacando em Munique e, que em um anúncio de periódico, dizia ter espaço para a mulher no movimento da nova corrente de pensamento denominada: fenomenologia. O grupo em questão era liderado pelos professores Adolf Reinach (1883-1917) e Edmund Husserl (1859-1938), desse modo, o anúncio da proposta levou Stein, movida impulsivamente pelos seus anseios de verdade, a devorar textos de Husserl e se inscrever para um semestre na Universidade de Göttingen – berço do novo movimento citado e porta de entrada para a nova vida que ela iria experienciar até as últimas consequências. (MACHADO, 2017. p. 03)

O conhecimento obtido por Edith Stein a partir do contato com os escritos de Edmund Husserl, especificamente na leitura de sua obra *Investigações Lógicas* (2015) faz com que a filósofa migre de sua cidade (Breslávia) para dar continuidade em seus estudos. Edith se encanta com a fenomenologia de Husserl, esta forma de filosofar estava intrinsecamente presente na obra husserliana citada. A decepção da filósofa com o curso de Psicologia em que ingressou na época também contribuiu para essa decisão de mudança de cidade para conhecer de perto a teoria desenvolvida por Husserl.

Fora um erro desde o início pensar em fazer um trabalho em Psicologia. Todos os meus estudos em Psicologia me tinham convencido apenas de que essa ciência ainda estava nos primeiros balbucios; faltava-lhe o fundamento indispensável de conceitos de base clarificados, e ela própria não estava em condições de forjar para si tais conceitos. (STEIN, 2018, p. 164).

Ao chegar em Gotinga, Stein se encontra com Adolfo Reinach, ele era responsável por introduzir os novos alunos na fenomenologia, assim eram todos aqueles que chegavam para o estudo com Husserl, antes deviam se apresentar a Reinach. Sobre este encontro, Edith descreve:

Fiquei muito feliz após esse primeiro encontro e repleta de uma profunda gratidão. Tinha a impressão de ainda não ter encontrado alguém de uma bondade tão verdadeira. Parecia-me natural receber provas de afeição por parte de pessoas próximas e de amigos de longa data. Mas aqui se tratava de algo diferente. Era como o primeiro olhar lançado sobre um universo inteiramente novo. (STEIN, 2018, p. 186).

Participa de uma sessão preliminar de um seminário de Filosofia. Husserl convoca então todos os interessados à participação da conferência. Stein não havia visto pessoalmente o filósofo, não obstante, fez questão de estar presente no local. No livro *Vida de uma família judia e outros livros autobiográficos* Stein relata como foi esse tão esperado primeiro encontro:

Após a sessão preliminar geral, ele chamou os novatos um por um. Quando lhe falei meu nome, ele me disse: – “O senhor Reinach falou-me da senhorita. A senhorita já leu algo dos meus trabalhos?” – “As Investigações lógicas.” – “Todas as Investigações lógicas?” – “O segundo volume inteiro.” – “Todo o segundo volume? Essa é realmente uma façanha heroica!”, disse ele sorrindo. Assim, eu fui aceita. (STEIN, 2002, p. 186).

Nessa vivência e contato com Husserl, Stein torna-se sua assistente, ela que outrora tivera acesso aos escritos do seu mestre, como também da sua compreensão e interesse pelo método fenomenológico, como explica Gerl-Falkovitz no prefácio do livro *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*: “não surpreende, então, que Edith Stein tenha reagido com tanto entusiasmo e alívio intelectual, a ponto de ela mesma ficar surpresa com a sua reação e decidir mudar imediatamente para Gotinga” (STEIN, 2019, p.12).

Stein não é uma reprodutora da fenomenologia de Husserl, a apropriação da fenomenologia husserliana a faz dar um grande salto em sua autonomia filosófica de modo que em seus trabalhos, a pensadora consegue atingir quase os mesmos resultados que seu professor, apesar da sua elaboração autônoma. (BELLO, 2000, p. 83).

Stein se apropria desta forma de filosofar em toda sua produção intelectual, para ela chegar às coisas mesmas, é extrair a essência das coisas:

Portanto, nosso caminho será o sistemático, teremos de fixar nossa atenção nas coisas mesmas e ir construindo sobre esta base na medida que pudermos. Para isso, naturalmente, temos de proceder de acordo com um método determinado (...) O método com o qual tratarei de solucionar os problemas é o fenomenológico. Quer dizer, o método que Edmundo Husserl elaborou e empregou pela primeira vez no tomo II de suas investigações lógicas, por que estou convencida, e já havia sido empregado por grandes filósofos de todas as épocas, se bem que não de modo exclusivo e com uma clara reflexão sobre o modo de proceder (...) O princípio elementar deste método é fixar a atenção nas coisas mesmas, não interrogar a teoria sobre as coisas, deixar fora o quanto possível tudo que seja ouvido ou lido (...) mas, beber da intuição imediata. Tradução nossa. (STEIN, 2003, p. 590) ¹

¹ Por lo tanto, nuestro camino será el sistemático: tendremos que fijar nuestra atención en las cosas mismas e ir construyendo sobre esa base en la medida en que podamos. Para ello, naturalmente, hemos de proceder con arreglo a un método determinado (...) El método con el cual trataré de solucionar los problemas es el fenomenológico. Es decir, el método que E. Husserl 'elaboró y empleó por primera vez en el tomo II de sus Investigaciones lógicas', pero que, estoy convencida, ya había sido empleado por los grandes filósofos de todas las épocas, si bien no de modo exclusivo ni con una clara reflexión sobre el propio modo de proceder (...) El principio más elemental del método fenomenológico: fijar nuestra atención en las cosas mismas, no interrogar a teorías sobre las cosas, dejar fuera en cuanto sea posible lo que se ha oído y leído (...) pero beber de la intuición inmediata.

Além de dar assistência ao seu mestre, Stein participa com alguns alunos, de um grupo de estudos, tendo como professor o próprio Husserl, dentre os alunos participantes: Alfred Schutz (1899- 1959), Max Scheler (1874-1928), Martin Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-1969), entre outros. Bello afirma que “entre os discípulos de Gotinga, Edith Stein é a que realizou sua formação filosófica mais diretamente com Husserl.” (BELLO, 2000, p. 82), todos estes se apropriaram da fenomenologia, porém, Stein se destaca entre eles, e o que a torna diferencial é sua função do método fenomenológico com o estudo do tomismo. De acordo com Matthias: “Edith Stein também aproxima a fenomenologia do tomasianismo, apresentando como primeira característica comum a objetividade do conhecimento científico” (MATTHIAS, 2019, p. 34).

Nessa perspectiva, o propósito de Husserl não era associar a filosofia moderna com a filosofia medieval cristã. Stein se destaca por mostrar a associação da fenomenologia do seu mestre com a *filosofia perene* que esteve presente na era medieval. A expressão *Philosophia perennis* empregada por ela é usada para designar uma sabedoria que perpassaria por diferentes filosofias, onde na sua obra madura, *Ser finito e ser eterno*, a filósofa

Passa de Aristóteles e Tomás a Husserl, voltando a Platão e Agostinho. Seu objetivo explícito é formulado nos termos de uma cooperação, segundo o espírito de uma filosofia perene, entre filosofias que se estendem e se encontram ao longo de 1600 anos de reflexão. (STEIN, 2019, p.23)

Nos primeiros anos como sua assistente, desencadeia-se um certo distanciamento entre os dois, não em relação ao método. Há uma contraposição de ideias, Husserl não aceitava que mulheres assumissem cargos como professoras, o que para Stein era discordante, pois não pensava em outra profissão senão o ensino, e naquele momento, o ensino filosófico. Outro ponto dificultoso que marca esse distanciamento foi a conversão de Stein à fé cristã em 1922, Husserl se converteu mais tarde também à fé cristã, “porém tinha grandes dificuldades, naquela época, para entender e aceitar uma filosofia associada à religião” (STEIN, 2019, p. 16). Além das causas deste afastamento citado acima, Stein absorve ainda ideias de outros fenomenólogos que provocaram ainda mais esse desligamento, como explica Fontes:

O que há de mais marcante na figura de Edith Stein é a sua honestidade intelectual, que a conduz a seguir Husserl nas máximas de que toda consciência é consciência de alguma coisa e na de retorno às próprias coisas. Mas, a ideia de não haver o preconceito faz com que lições por ela extraídas de Scheler e também de outros filósofos como Conrad-Martius e Reinach venha a se afastar ainda mais do pai da Fenomenologia, Edmund Husserl. (FONTES, 2010, p. 32).

Ainda sobre o distanciamento de Edith, cabe destacar que a filósofa, desde sua tenra juventude buscou a verdade, nesta busca, se torna atea, pois achava que iria encontrar no ateísmo a verdade, como explica Santos: “uma busca que a fez mergulhar no ateísmo e estudar com afinco a fenomenologia de Husserl” (SANTOS, 2012, p. 104). Este jeito de filosofar a encantara, pois, naquele dado momento, se achara próxima a este encontro com a verdade, ela alega que: “me fascinava tanto o que até então eu havia aprendido de Fenomenologia, era porque ela consistia especificamente nesse trabalho de clarificação e porque, nesse campo, se forjavam desde o início as ferramentas intelectuais de que se necessitava” (STEIN, 2018, p. 164).

A necessidade de Edith consistia, ao mesmo tempo, na busca pela verdade. Um trajeto que inicia no ateísmo, depois na filosofia, e, por fim, no Cristianismo, neste último, ela a encontra. Como descrito por Santos:

A conversão definitiva só se deu [...]em 1921, quando ao passar as férias desse ano na casa do seu amigo protestante Von Martiun, na Baviera, numa noite em que estava com insônia, pegou por acaso, na biblioteca, a autobiografia de Santa Teresa d'Ávila [...]ela lê o livro em uma só noite e pela manhã exclama: *encontrei a verdade*. Logo, a verdade que ela buscava desde a adolescência. (SANTOS, 2012, p. 104).

Os discípulos de Husserl se dispersaram, devido o filósofo se esquivar em seu pensamento, levando a fenomenologia para outros rumos, dessa forma “o grupo de discípulos que se reunia em Gotinga ao redor de Husserl, nos quais se encontrava Edith Stein, se dispersou pelo desvio do realismo imprimido pelo fundador da Fenomenologia” (FONTES, 2010, p.31).

Mesmo com essa dispersão do grupo de Gotinga, Edith não se distancia do método, como enfatiza Fermín, na introdução dos escritos *Obras Completas II*:

Certamente ela nunca deixará de ser uma fenomenóloga, já que a sua imersão neste mundo de pensamento marca fortemente a sua forma de pensar. De facto, ela continua a ser uma fenomenóloga, mesmo nos seus últimos escritos, onde o seu modo de pensar está sempre presente na forma como lida com todas as questões. (FERMÍN, 2002, p. 43).

A novidade que Husserl traz atraiu discípulos, como por exemplo, Edith Stein, que fez a apropriação desta forma de filosofar, possibilitando-a o desenvolvimento do seu próprio pensamento.

2 ASSOCIAÇÃO DA FENOMENOLOGIA COM O TOMASIANISMO

Primeiramente, Stein se esquivou de Husserl devido aos novos trilhos que este estava percorrendo em sua filosofia, visto que se desencadeavam à rumos neokantianos. Ela se opõe e a partir de então, torna-se autora independente, mas, sem deixar de ser fenomenóloga, sua filosofia tem um cunho de análise do pensamento tomasiano. Dessa maneira, faz uma associação da fenomenologia com o tomasianismo, o que a difere dos estudantes do grupo de Gotinga.

Após sua conversão à fé cristã, quando em 1922 consumou sua adesão à experiência religiosa, observa-se mais um distanciamento entre Edith e Husserl, como já citado acima. A filósofa associa a forma de filosofar (fenomenologia) com o tomismo. Assim, elabora uma conversa, que de primeira mão, trata-se de um diálogo entre Husserl e Tomás de Aquino, e depois este diálogo é publicado em forma de artigo acadêmico. Neste diálogo, Matthias, na apresentação do capítulo *A fenomenologia de Husserl e a filosofia de Santo Tomás de Aquino* diz que foi uma “homenagem a Edmund Husserl por ocasião de seu septuagésimo aniversário (8 de abril de 1929)” (MATTHIAS, 2019, p. 48). Este diálogo será de suma importância neste capítulo, pois, Edith mostra neste cotejo o seu conhecimento tanto da fenomenologia em Husserl quanto da filosofia de Tomás de Aquino.

2.1 Proximidades e diferenças entre Husserl e Aquino

A atuação de Stein como professora no Instituto de Santa Maria Magdalena, das meninas dominicanas de Espira, de abril de 1923 até março de 1931, contribuiu fortemente com sua aproximação com a fé cristã, estimulando nela o desejo de conhecer a fé cristã. Nesse período, teve contato com a obra *Quaestiones disputatae de veritate* de Tomás de Aquino (1225-1274) que permitiu com que Stein absorvesse o pensamento tomista e retomasse o mundo da filosofia moderna, com especial atenção para a fenomenologia. Nesse hiato, descreve Fermín, na introdução da obra *Ser finito e ser eterno*:

Percebe-se que desde o início de sua conversão, foi orientada para a leitura de Santo Tomás de Aquino (...) pode-se dizer que em 1926 já possuía um profundo conhecimento da teologia cristã, que é base indispensável para, mais tarde, enfrentar uma série de estudos de elevada quantidade científica, que reúne a formação fenomenológica com os seus novos interesses pela filosofia cristã (STEIN, 2019, p. 06).

Ainda neste período de docência, Stein escreve uma homenagem a Edmund Husserl por ocasião do seu aniversário, trata-se de um diálogo fictício entre Husserl e Tomás de Aquino,

duas grandes referências para ela. Sobre este acontecimento, Matthias escreve que “à veneração e fidelidade ao primeiro mestre Edith Stein alia seu encanto por Tomás de Aquino, cujo pensamento receberá de sua parte valor semelhante ao da fenomenologia e a quem ela descobrira fazia pouco menos de uma década”, esse diálogo marca uma aproximação do pensamento católico com a modernidade (STEIN, 2019, p. 48).

Na conversa de Husserl e Tomás, percebem-se coincidências, dentre elas as temáticas: intuição, abstração, intuição das essências, dentre outras, que entrelaçam os dois filósofos na convergência entre a fenomenologia e a filosofia de Tomás de Aquino. É importante destacar em Stein sua permanência e fidelidade à forma fenomenológica de filosofar, porém, sua proximidade com o pensamento medieval a fez encontrar limites que são próprios da fenomenologia e procurar ultrapassá-los. Apesar de haver uma distância histórica e metodológica entre ambos os filósofos, Edith conclui que é possível constatar elementos que possa estabelecer uma linguagem comum entre eles, como ela própria descreve no seu artigo *o que é fenomenologia?* “Gostaria apenas de destacar alguns pontos característicos, no intuito de esclarecer de certa maneira a relação entre a fenomenologia e as duas principais orientações da filosofia mencionadas por mim (...): a orientação escolástica tradicional e a orientação kantiana” (STEIN, 2019, p. 41). Esta relação, segundo ela, se encontra no idealismo husserliano (o idealismo na linguagem dele, supõe uma dependência do mundo com a relação da consciência que o conhece) aqui o ponto chave da aproximação com a revolução copernicana de Kant, de como o sujeito conhece o objeto, primeiro há uma preocupação em saber como ele conhece para saber se é possível ele conhecer.

Edith vai além de Husserl, pois encontra na filosofia de Tomás pontos convergentes do que havia se apropriado, mostrando que “os grandes pensadores cristãos da Idade Média fizeram as mesmas perguntas que a nós também nos interessa, e que têm muito a nos dizer, muito que nos pode ser útil” (STEIN, 2019, p.33). Bello afirma que a passagem entre os dois filósofos se dá mediante às leituras tomistas de Edith, que encontrara nessas leituras referências não somente naturais, mas também sobrenaturais; ainda, a relação entre a dimensão racional filosófica e a dimensão religiosa, sendo esta última, através da fé, tem a capacidade de pôr limites ou estabelecer fronteiras da razão (BELLO, 2015, p. 195).

Cabe destacar alguns pontos de ligação entre as duas filosofias, a de Tomás de Aquino e Edmund Husserl na visão de Edith Stein. Uma dessas temáticas é a *intuição das essências*, o estudo do pensamento medieval suscitara nela uma reação de surpresa pelo tema da essência mostrar o contato entre Husserl e Tomás (2015, p. 196). Na assimilação de ideias, Edith encontra uma convergência entre a intuição de Husserl e a abstração em Tomás: em Husserl,

para se chegar ao essencial da coisa, ou seja, o fenômeno, é necessário que aconteça uma redução fenomenológica, retirando o que é necessário daquilo que se mostra, para se chegar à sua essência, chegar ao seu núcleo, Husserl chama esse processo de *intuição*, que segundo a pensadora, “essa intuição, essa visão espiritual, não deve ser confundida com a intuição mística. Ela não é uma iluminação sobrenatural, mas um meio de conhecimento natural, como o é também a percepção sensível; é o meio de conhecimento específico das verdades ideais” (STEIN, 2019, p. 43). Edith resgata Tomás, no que concerne ao tema da *abstração*, por meio desta, o intelecto humano tem a capacidade de retirar o conteúdo necessário para se atingir o essencial da coisa, é “conhecer o que está na matéria individual” (AQUINO, 2016, p. 133 apud TEIXEIRA, 2021, p. 53) ou seja, o intelecto conhece pela abstração. Dessa forma, percebemos a familiaridade entre o pensamento tomasiano (abstração) com o pensamento husserliano (intuição).

Edith ao falar da intuição nas duas filosofias em análises, elenca três pontos de fundamental importância para a compreensão husserliana e tomista:

Podemos destacar três pontos nos quais é possível descobrir, por detrás de uma oposição aparente, uma concordância completa entre o procedimento escolástico e o fenomenológico: 1. Todo conhecimento começa pelos sentidos. Esse é o princípio que Tomás formulou. Em Husserl, seja de que tipo for a intuição da qual se dispõe, ela implica material sensível; 2. Tomás afirma: todo conhecimento natural humano é obtido por meio de uma elaboração intelectual de material sensível. Para Husserl, uma única intuição exemplar pode ser suficiente para realizar a “abstração”, o acesso à essência; 3. Quando Tomás vê no procedimento de análise que procura avançar do material dado até a essência de uma atuação do intelecto agente, vê também que a intuição do entendimento possui um caráter de uma recepção. A fenomenologia deu destaque a esse momento passivo, porque ele designa a contraposição entre o seu modo de investigar e aquelas linhas filosóficas modernas para as quais o pensar é um “construir”, e o conhecimento, uma “criação” do entendimento que investiga (STEIN, 2019, p. 121-124).

Nesse hiato, em Tomás, o intelecto é capaz de conhecer a natureza que está presente na matéria individual, sendo que, o ente é a primeira coisa que o intelecto conhece ao entrar em contato com a realidade existente. A ligação entre o intelecto e a coisa, o faz proprietário da verdade, pois ele é capaz de analisar e julgar a coisa em si. Tomás afirma que:

Pelo intelecto nos é conatural conhecer as naturezas que, na verdade, só têm o ser na matéria individual; não, porém, enquanto estão na matéria individual, mas abstraídas da matéria pela consideração do intelecto. Assim, por meio do intelecto

podemos conhecer essas coisas [no universal], [o] que ultrapassa a faculdade sensitiva. (AQUINO, 2001-2006, p. 265 apud TEIXEIRA, 2021, p. 45).

Dessa forma, do intelecto conhece as naturezas, alcançando as primeiras verdades, ou, os primeiros princípios. Entretanto, Tomás afirma que é por meio do objeto (natureza) que nós podemos conhecer. Ele vê que o conhecimento é possível tanto do intelecto à natureza como também da natureza ao intelecto, pois é por meio do objeto que o indivíduo adquire o conhecimento, o intelecto torna-se como um devir em movimento.

Husserl, com a fenomenologia, pretendeu alcançar as verdades essenciais, sua ânsia era encontrar um método que fosse livre de erros, alcançando fundamentos indubitáveis do fenômeno que se apresenta à consciência. O objetivo era *alcançar as coisas mesmas*, como depois ficou famosa esta máxima husserliana, a função da proposta do filósofo era chegar ao núcleo do objeto, porém esta máxima requer uma doação do objeto à consciência, uma atitude recíproca entre ambos.

A busca pelo conhecimento por meio da razão se faz presente em ambas as filosofias, tanto que, Rocha explica, segundo Stein como acontece com os dois pensadores:

Em linhas gerais, enquanto para Edith Stein o conhecimento humano, segundo Tomás de Aquino, se dá mediado por várias instâncias, a saber, (1) pelos objetos da experiência, (2) pela luz do entendimento, em virtude da qual conhecemos e (3) pelas espécies [Species] que abstraímos dos objetos experienciados para daí obtermos suas notas essenciais, o ideal de conhecimento proposto pela fenomenologia é imediato. O fenomenólogo busca a imediatez dos fenômenos enquanto aparecem imediatamente na consciência. O lema da fenomenologia proposto por Husserl: “voltar às coisas mesmas” refere-se justamente aos puros objetos imanentes enquanto aparecem na consciência. O “voltar às coisas mesmas”, ou aos fenômenos, enquanto imediatamente conscientes, é que nos leva à evidência apodítica, que deve caracterizar uma ciência rigorosa. (ROCHA, 2016, p.28)

Ambos os filósofos nunca duvidaram da capacidade racional, da força da razão, ao passo que cada um deles falou a respeito da capacidade racional. A única diferença existente nos dois é que Tomás de Aquino faz uma divisão da razão: natural e sobrenatural.

Outrossim, em Husserl, entende-se a razão como tal, sem a distinção entre natural e sobrenatural. A razão passa por um caminho interminável, um caminho de conhecimento até chegar à verdade plena, Tomás de Aquino comunga da mesma ideia no que diz respeito à razão natural, aonde se aproxima da meta (verdade plena) aos poucos (STEIN, 2019, p. 103). Na via tomasiana, quando o pensamento racional não é capaz de responder à determinados

questionamentos, a fé responde. E esse é o grande salto de Edith em relação aos demais fenomenólogos e discípulos de Husserl, ela dá um passo a mais, encontrando na fé um meio de alcançar a verdade. A fé e a razão são dois meios com que o indivíduo pode alcançar a verdade. Explica Férmin, na introdução de *Ser finito e ser eterno* que “essa afirmação vai ajudar a filósofa a justificar os dois objetivos a que se propõe alcançar fundamentando uma filosofia cristã: 1. A possibilidade de encontro entre filosofia cristã clássica e filosofia moderna; 2. A necessidade de realizar esse caminho até o final, construindo ou realizando uma ‘filosofia cristã’ (STEIN, p.18).

Nesse contexto em que Edith discorre sobre a razão natural e sobrenatural (crer e saber), torna-se um risco tanto para a fenomenologia, quanto para a filosofia moderna e contemporânea, esse risco seria perder a consciência de uma filosofia fundamentada na razão natural. A razão natural não abre acesso para o que está externo a si mesma, agindo dessa forma, na extensão da sua própria ação. Somente a razão sobrenatural em Tomás de Aquino é capaz de abrir-se externamente, dando espaço para admissão à verdade plena, ao conhecimento divino, pois, com a fé, é alargado o espaço da razão para o conhecimento divino, daí a precisão em Tomás de construir uma filosofia a partir da fé. Para Tomás, a fé é um caminho para a verdade, como escreve Stein no diálogo entre os dois filósofos:

Para mim a fé não é nada irracional, ou seja, algo que não teria nada que ver com verdade ou falsidade. Ao contrário, a fé é, em primeiro lugar, um caminho para a verdade e, mais extremamente, um caminho para *verdades* que, de outro modo, manter-se-iam veladas por nós. Em segundo lugar, a fé é o caminho mais seguro para a verdade, pois não há maior certeza do que a da fé. Mas ainda, para o ser humano *in statu viae* <em latim: na condição do caminho> não há outro conhecimento com semelhante grau de certeza como a da fé, mesmo sendo uma certeza sem evidência. (STEIN, 2019, p. 65-66)

Na troca de pensamentos, contida na conversa escrita por Edith entre os dois filósofos, a filósofa, que havia se apropriado da fenomenologia há poucos anos, encontra na filosofia de Tomás semelhanças, observando assim que mesmo os dois filósofos sendo longes, ao mesmo tempo parecem estarem tão pertos. Eis um grande diferencial entre Edith e os outros leitores e amantes do pensamento tomasiano da época: eles acreditavam que seria impossível associar o tomismo com a filosofia do século XX. O intuito e esforço de Stein é mostrar que existe essa proximidade, possibilitando a ela mesma uma superação da até então existente oposição entre a filosofia católica e a filosofia moderna.

Ao final do ensaio ou dos textos sobre Husserl e Tomás de Aquino, Edith descreve:

Era preciso esclarecer que a questão da relação entre o método escolástico e o método fenomenológico não pode ser resolvida com frases de efeito. Não se devem medir esforços, em ambas as frentes, para empreender respectivamente análises “sutis” com o fim de chegar a um entendimento efetivo sobre certos pontos, condição primeira para o conhecimento das relações entre os dois métodos. Minha intenção era oferecer uma ideia do espírito do filosofar do pensador medieval e do pensador moderno (STEIN, 2019, p. 133).

Dessa maneira, a filósofa destaca que sua tarefa era esclarecer a possibilidade de pontos de importância entre ambos, considerando a filosofia como possível e fundamentada, capaz de alcançar a compreensão do mundo. Por outro lado, apresenta primeiramente ao seu mestre, Edmund Husserl, que a sua fenomenologia tinha uma ligação com o pensamento medieval, e os textos por ela escrito foram a base para que Edith Stein construísse uma filosofia cristã, mostrando que pela fé também se alcança a verdade.

Segundo Edith, os dois mestres consideram que a filosofia é encarregada de obter uma compreensão do mundo, um conhecimento preciso e possível. No tocante a Husserl, o primeiro ponto para tal se dá pela *consciência* do indivíduo, ao passo que para Tomás, esse ponto inicial está na *fé*. Sendo assim, “o ponto inicial a partir do qual se esclarece a totalidade da problemática filosófica e para o qual esta sempre remete é, para Husserl, a consciência purificada transcendentalmente; par Tomás, é Deus e sua relação com as criaturas” (STEIN, 2019, p. 134).

3 A FENOMENOLOGIA NO PENSAMENTO STEINIANO

3.1 O problema da empatia, marco inicial da fenomenologia steiniana

Edith Stein desenvolveu-se e progrediu no ramo da filosofia em que ela tanto almejava se aprofundar: a fenomenologia. O trabalho como assistente do seu mestre, ou seja, as difíceis tarefas de transcrever os manuscritos e ensaios de Edmund foram de forte contribuição para o desenvolvimento do pensamento fenomenológico steiniano.

Seus primeiros escritos foram já marcados pela influência no pensamento husserliano, como afirma Gerl-Falkovitz no prefácio à edição brasileira de *Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino, e para além deles*: “sua primeira dissertação, de janeiro de 1915, e sua tese sobre empatia, de 1916, conterão já acréscimos ao que já havia aprendido com Husserl” (STEIN, 2019, p. 14), sendo o primeiro problema filosófico estruturado por Stein, a tese *Sobre o problema da empatia*, de 1916, que é de suma importância para entender o caminho fenomenológico-filosófico da autora, pois ela usa o método para descrever as suas inquietações.

Antes de tudo, é válido destacar que a empatia, segundo Barea, à luz da visão steiniana é:

Uma qualidade permitida aos seres humanos de compreender os atos de consciência alheia (tanto na esfera do indivíduo com suas vivências intersubjetivas, como na dimensão comunitária entre os sujeitos espirituais). Para tanto, como o ser humano conhece? Qual é a origem do conhecimento? Aqui surge o papel fundamental da empatia, que se atribui a capacidade de perceber a vivência alheia. Este tema ganhou aspectos genuínos a partir da investigação fenomenológica de Stein. (BAREA, 2015, p. 71)

A autora afirma que, para se chegar ao outro e investigar a sua essência é necessário passar pela redução fenomenológica (STEIN, 2005, p. 79). *A percepção do outro é uma, ou seja, é compreender que ninguém está sozinho no mundo das coisas, mas que cada um compartilha este espaço e cada pessoa humana tem uma vivência:*

O mundo em que vivo não é apenas um mundo de corpos físicos, além de mim também há sujeitos com experiências nele. Poderíamos partir do fenômeno concreto e completo que temos diante de nós em nosso mundo de experiência, do fenômeno de um indivíduo psicofísico que se distingue nitidamente de uma coisa física. Isto não é dado como um corpo físico, mas como um corpo vivo ao qual pertencem um eu, um eu que sente, pensa, sofre, quer, e cujo corpo vivo não é meramente incorporado ao meu mundo fenomenal; Ele está na frente dele e estabelece uma relação comigo. E também poderíamos investigar como tudo o que nos aparece além do mero corpo

físico se constitui na consciência, dado na percepção externa (STEIN, 2005, p. 81).

Portanto, o olhar empático steiniano consiste em distinguir um fenômeno concreto de um fenômeno de um indivíduo, que é a pessoa humana, com suas experiências e suas vivências, aquilo que ele traz na sua consciência. O problema de Edith é reconhecer que há alguém além de mim presente no mundo, e segundo ela, é preciso estar apto a conhecer a vivência deste ser. É fundamental que o “eu” esteja aberto para conhecer e ter relação com a vivência do outro.

3.2 Ser finito e ser eterno

Na introdução da sua obra madura, *Ser finito e ser eterno*, Stein entende e afirma que a fenomenologia surge como nova filosofia do século XX, e de certa forma, ultrapassa e substitui Descartes e Kant, compreendendo um novo começo histórico para a filosofia. Na referida obra, segundo o pensamento steiniano, a análise do ser finito conduz ao Ser eterno por meio do sentido, o Ser eterno, por sua vez, se abre na *analogia entis* de Tomás de Aquino, a qual são reveladas as marcas da criação e dentre toda a criação a pessoa humana é selada com a tríplice marca da unidade (corpo-alma-espírito). A pretensão de Edith é tornar clara a relação existente entre o ser finito e o Eterno. Para isso, a autora parte da seguinte problemática: como se pode ascender do finito ao eterno mediante a analogia? (STEIN, 2019, p. 23).

O ser eterno e o ser temporal, o imutável e o mutável, bem como o não ser das ideias que o espírito descobre em si mesmo; não foram tomadas de outra parte. Uma filosofia, que parte do conhecimento natural, tem aqui um ponto de partida legítimo. Também a *analogia entis*, considerada como a relação entre o ser temporal e o ser eterno, se manifesta já nesse ponto de partida. Desde o momento em que é, o “ser atual” é algo parecido com um modo de ser sem mais, ao ser pleno que não conhece mudanças no tempo. Mas visto que é somente para um momento já no ser momentâneo; este mesmo só é “análogo” do ser eterno, o qual é imutável e por essa razão é o ser pleno em cada instante; isto é, o ser temporal é uma “imagem” que tem semelhança com o arquétipo, mas que oferece mais dessemelhança. (STEIN, 2019, p. 65)

A analogia pode ser perpassada da diferença ontológica para a diferença teológica entre Deus (criador) e o homem (criatura). Percebe-se que na ontoteologia de aristotélica, a figura de Deus foi habitualmente como ser mais excelso. Entretanto, Edith faz uma operação de um certo distanciamento muito importante no que diz respeito à tradição aristotélico-tomista. Segundo essa corrente, quando se diz que somente em Deus coincidem ser e essência, devem-se

considerar que esses termos não podem ser empregados em seu sentido habitual e finito. Tal posição não admite a diferença entre Deus e a criatura.

Na introdução à *A Questão do ser finito* (Ser finito e Ser Eterno), Edith afirma que nada se pode dizer em idêntico sentido de Deus e das criaturas, pois os dois seres, o finito e o eterno, ambos possuem sentidos diferentes e ao mesmo tempo concordam entre si:

Se apesar disso podem-se empregar as mesmas expressões para Deus e as criaturas, isso se deve ao fato de que esses termos não são *unívocos nem* tampouco simplesmente equívocos, mas possuem entre si uma relação de concordância, na analogia, pelo que se poderia dar a linha de separação o nome de *analogia entis*, com que se designa a relação entre Deus e a criatura (STEIN, 2019, p. 28).

Na compreensão steiniana, apresentar e discutir as questões que compõem a filosofia tomista é, ao mesmo tempo, discutir questões filosóficas e teológicas:

Quem ignora o pensamento escolástico poderia ter a impressão de estar à frente de uma discussão teológica, uma vez que se trata do Criador e da criatura. As explicações posteriores mostrarão que essas expressões têm um sentido estreitamente filosófico, ainda que se haja descoberto pela primeira vez aqueles que, pela revelação, conheceram Deus como criador. Com a doutrina de ato e potência, santo Tomás se encontra inteiramente no terreno da filosofia aristotélica (STEIN, 2019, p. 29).

De igual modo, a tentativa de Stein será relacionar a fenomenologia com a ontologia e a filosofia da existência. No final da obra acima citada, a filósofa dedica um anexo, este por sua vez, contém sua contraposição em relação à filosofia da existência de Martin Heidegger. Como afirma Gilfranco Lucena Santos, na apresentação do texto *A fenomenologia e seu significado de visão de mundo*:

Edith Stein dedicar-se-á cuidadosamente a uma análise crítica da obra de Heidegger, ponderando a ameaça do niilismo e propondo uma ontologia fenomenológica universal que não se reduz somente a conceber o humano como ser lançado na existência e como um ser para o qual se fazem obscuros sua proveniência e seu destino, mas como um ser que, frente a essa obscuridade de seu “de onde” e de seu “para onde”, lança-se confiantemente no testemunho da fé, pelo qual encontra o fundamento do seu ser (STEIN, 2019, p. 142).

Nota-se que a obra *Ser finito e ser eterno* é uma oportunidade de diálogo com a obra *Ser e tempo* de Martín Heidegger, em que a autora se dirige de maneira respeitosa, mas, muito neutra, percebe-se um certo “combate” ao pensamento de Heidegger, Nunes explica que

Por isso, Ser finito e ser eterno não é apenas uma obra em diálogo com a fenomenologia e sua relação com o tomismo, mas é uma tentativa de diálogo com a filosofia do seu tempo, quando o problema do ser se cruza com o tema do ser humano enquanto pessoa concreta. (...) o título e o subtítulo da obra de Stein - Ser finito e ser eterno: tentativa de ascensão ao sentido do ser - mostrariam também esse esforço da parte de Stein, de diálogo com a filosofia do seu tempo, e uma referência, ainda que implícita, de resposta a Heidegger (NUNES, 2021, p. 96-97).

Segundo o pensamento de Edith Stein, não basta ao ser finito compreender o ser como “algo”. Dizer que o Dasein (eu) é lançado na existência cabe-nos, levar em conta que, se este é “um ser lançado”, é necessário “alguém ou algo o tenha lançado”. Dessa forma, é desvelado o “ser lançado” como “ser criado” (STEIN, 2019, p. 602). Para Edith Stein, afirmar que o homem é criado por Deus é a mesma coisa que admitir que o ser finito se faz sua semelhança mais do que todas as outras coisas criadas e que fazem parte da nossa experiência, justamente porque é uma pessoa, um eu, um Dasein.

Edith de certa forma admira as análises feitas por Heidegger sobre o ser humano e que a obra *Ser e Tempo* teve uma forte influência sobre o seu pensamento. De certa maneira, isso significaria também que houve um distanciamento em relação às posições heideggerianas, principalmente no que tange a concepção do ser humano como um ser apenas circunscrito à dimensão temporal e à finitude do *Dasein* (CABALLERO BONO, 2012). Como ela própria escreve:

Que Heidegger seja algo de grande e que pode meter-nos a todos no bolso, acredito-o também por causa do seu livro. Antes não o sabia, ou mais precisamente via somente os efeitos; a sua grande influência sobre a geração mais jovem. Li o livro na sua maior parte nas férias, porém não o terminei por completo; comparando com as coisas que nessa altura me pressionavam, terminá-lo perdeu importância para mim (STEIN, 2001, p. 792).

Segundo Alfieri, o sentido do ser lançado na sua temporalidade, se torna em Stein, um problema a ser refutado, que, por conseguinte, será esclarecido na sua obra madura. Alfieri destaca 8 citações importantes que apresentam as articulações teóricas os pontos de ruptura depois da análise da obra *Ser e tempo* de Heidegger:

1.São evitadas as expressões “eu”, “sujeito”, “alma”, “pessoa”, bem como “ser humano”, porque elas representam uma objetividade do ser-aí – considera-se que esse seja o erro da ontologia antiga e da dogmática cristã, dado que elas reduziram o ser-aí às categorias da simples presença; 2.O si-mesmo

(*Selbest*) é, porém, em primeiro lugar e principalmente, um inautêntico *Man-selbest*[...] A cotidianidade média do ser-aí-pode, portanto, ser determinada como o ser-no-mundo decaído-aberto e lançado-que se lança, a partir do qual, no seu ser do mundo e no ser com os outros, dirige-se por si mesmo ao seu poder-ser mais próprio; 3. As verdades eternas poderiam dar-se apenas se existisse um ser-aí-eterno, e apenas se este último fosse demonstrado, elas seriam comprovadas; 4. De Deus, fala-se apenas ociosamente em notas marginais de modo a excluí-lo; 5. O que é a morte? Heidegger responde: o fim do ser-aí. Ele acrescenta rapidamente que com isso não se deve tomar nenhuma decisão quanto à impossibilidade de uma vida após a morte. [...] Permanece realmente aberta a possibilidade de uma vida após a morte, se esta é interpretada como o fim do ser-aí?; 6. O próprio Heidegger fala da interpretação do tempo como “imagem da eternidade”, mas somente para excluí-la; 7. Em nenhuma das análises, não há espaço para aquilo que dá plenitude ao ser humano: alegria, felicidade, amor; 8. O ser “cotidiano” é apresentado de modo ambíguo, porque sugere o equívoco <de se pensar> que a vida social como seja uma condição de “decadência”, e o ser autêntico seja sinônimo de ser solitário, enquanto, no lugar disso, tanto a vida solitária quanto a comunitária têm, cada uma delas, uma forma autêntica e uma forma de decadência (STEIN, 2006 apud ALFIERI, 2018, P. 265-267).

A pretensão de Stein era, nesta investigação, expor corretamente a pergunta sobre o sentido do ser. Lançado na existência, o homem se encontra no existir sem saber como chegou a ele, antes de tudo, não se deve eliminar o fundamento de um Ser que arrojou o lançado.

3.3 O que é fenomenologia?

Stein dedica um artigo para descrever a fenomenologia de Husserl, intitulado por: *O que é fenomenologia?* (1924). Esse artigo faz parte de uma compilação de outros artigos e pequenos textos da fenomenóloga em um espaço de tempo de treze anos. A sua principal tarefa é apresentar teoricamente e na prática a nova filosofia criada por Edmund Husserl: a fenomenologia. Ela apresenta a “nova” forma de filosofar aos leitores não fenomenólogos e até mesmo não filósofos como uma ferramenta capaz de sintetizar de forma simples e direta problemas e noções aparentemente difíceis. Esses pequenos escritos e artigos contribuíram fortemente na consolidação profunda de Edith na fenomenologia de Husserl, a qual as essências dos seus escritos correspondem à sua própria filosofia, sua própria fenomenologia, associando à ontologia.

O corpo do referido artigo está dividido em duas partes. Na primeira, Stein discorre o nascimento e desenvolvimento da forma de filosofar criado por Husserl até aquele espaço temporal em que ela vivia. Ademais, discorre sobre a filosofia católica (escolástica), a qual cita

Tomás de Aquino como figura central; e a filosofia moderna, tendo Kant como representante. Neste dado contexto, Stein deseja unir essas duas correntes usando a fenomenologia, será o papel mediador que unirá as duas filosofias que até então eram consideradas impossíveis. Ela associa a fenomenologia à *filosofia perennis* (filosofia perene), que foi fortalecida na idade média e que ressurgiu com a fenomenologia, e por meio de uma nova ontologia ultrapassa os reducionismos da filosofia moderna. Na segunda parte, debruça na função e significação da fenomenologia, do que se trata e quais suas principais características quando se trata de sua aplicação.

Ainda voltando à primeira parte, vale ressaltar neste espaço de tempo que Stein, ao aproximar a fenomenologia do tomasianismo, expõe a objetividade do conhecimento como possível e primeira característica comum entre as duas correntes acima citadas. A fenomenologia de Edmund superou alguns limites existentes na filosofia moderna, pois, segundo Matthias, na apresentação do artigo *o que é fenomenologia?*

A famosa afirmação *Der Geist findet die Wahrheit, er erzeugt* (como o espírito encontra a verdade, ele não a produz. E ela é eterna) faz ressoar formulações das Questões disputadas da verdade, de Tomás de Aquino, mas Edith Stein a associa à fenomenologia husserliana, que, no seu dizer, superou definitivamente os limites relativistas e céticos da filosofia moderna (STEIN, 2019, p. 35).

Stein ressalta ainda a importância da intuição para a fenomenologia, ela dá um passo a mais que Husserl ao denominar intuição como visão espiritual, Xirau conceitua esta forma de filosofar e traz consigo também a intuição como aquela capaz de explorar a consciência, ele diz que a fenomenologia é uma “disciplina puramente descritiva que explora, pela intuição pura, o campo da consciência transcendentalmente pura.” (XIRAU, 1941, p. 44)

Cabe lembrar que até aqui falávamos de um dos artigos de Stein, intitulado pela temática: *o que é fenomenologia?* Nesse meio tempo, é válido salientar que “justamente por tocar de maneira direta nos pontos centrais do método fenomenológico, o presente texto é de grande importância para conhecer a compreensão steiniana inicial da fenomenologia”, afirma Matthias (STEIN, 2019, p. 36).

3.4 A fenomenologia e seu significado de visão de mundo

O texto *A fenomenologia e seu significado de visão de mundo* (1930) segundo Santos, na apresentação do capítulo que leva o mesmo título, da obra *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*, ele explica que este escrito:

Foi estabelecido a partir do manuscrito identificado como A-02-13 no arquivo Edith Stein, de Colônia. Tal manuscrito se constitui de 53 páginas numeradas, cujo verso se encontram páginas tipografadas da tradução steiniana de *De veritate* de 4 Santo Tomás de Aquino” (STEIN, 2019, p. 137).

Neste fragmento, a autora faz uma reflexão filosófica propondo discutir as inclinações fundamentais da fenomenologia e estabelecer uma organização entre filosofia e a visão de mundo. É preciso ter consciência de que a fenomenologia não é simplesmente uma visão de mundo, antes de tudo, abre-se a reflexão e ao mesmo tempo a inquietação steiniana de que a fenomenologia seria ou não capaz de interferir de alguma forma na visão de mundo dos fenomenólogos e de outras pessoas. Edith concebe dois sentidos de visão de mundo, o primeiro diz respeito a uma visão de mundo científica e o outro consiste em uma subjetividade e que todos possuem uma forma de ver o mundo:

A visão do mundo científica não pode ser uma ciência nem pode tomar de uma ciência a sua imagem do mundo. Essa visão pretende fornecer uma imagem de mundo completa, terá de reunir dados de todas as ciências (...) temos de considerar um segundo sentido de visão de mundo: nem todos possuem uma imagem de mundo completa, mas todos têm certa maneira de ver o mundo. O camponês vê diferente do habitante da cidade grande; o prático diferentemente do teórico (...). A concepção de mundo de uma pessoa é toda determinada pelo que essa pessoa é e sobretudo pelo modo como se empenha espiritualmente. (STEIN, 2019, p. 145-146)

A fenomenologia como *visão de mundo* ou cosmovisão, como percebemos neste texto, toma posição diante de Heidegger e Husserl, e de certo modo não se trata de uma simples visão de mundo, no sentido de uma opinião sobre a existência, tenta mostrar que a fenomenologia não é mais uma opinião sobre o mundo. Esse mundo que é posto entre parêntese pela fenomenologia é o mundo em que vivemos, o mundo que a minha consciência é capaz de construir.

É tarefa procurar encontrar toda e qualquer fundamentos da visão de mundo. Nas nossas visões de mundo utilizamos nossas concepções religiosas, culturais, literárias, filosóficas etc. E se a fenomenologia fosse só mais uma visão de mundo, estaria neste meio. Porém, sua atividade é fazer entender e esclarecer aquilo que é pressuposto em todas as áreas da explicação humana, que são usadas nas visões de mundo, como mencionado acima.

Antes de tudo, Edith Stein procura deixar claro o que realmente seja essa visão de mundo para depois pensar no que se entende por fenomenologia. Neste ínterim, Stein traz para a

reflexão apresentando a perspectiva fenomenológica de Husserl, mencionando Scheler e Heidegger, dois expoentes que se distinguiram da nova ciência do seu mestre.

Husserl desenvolveu um “método” para tratar todas as questões filosóficas e fortificou a ideia de que a fenomenologia seria uma nova ciência que trataria cientificamente a filosofia, se tratando de um caminho de pesquisa infinito como qualquer ciência. Edith explica que a tarefa da fenomenologia de Husserl é, na verdade, ter um pensamento seguro de todo procedimento científico; partindo dos sentidos das palavras, distinguindo cuidadosamente as diferenças dos significados que são atribuídos às palavras na linguagem habitual e retorna às coisas mesmas (essências das coisas) (STEIN, 2019, p. 150-152).

A *constituição* é a reflexão da estruturação do mundo para o eu que vive (eu penso, eu percebo, eu quero etc.). Dessa forma, a descoberta da problemática da constituição é um grande mérito de Husserl, porém, algo incomodou os seus discípulos, que perceberam um aparecimento de um possível retorno ao kantismo.

Aquilo que foi considerado um abandono da virada objetiva que seria um grande mérito de Husserl, bem como (...) da investigação de uma estrutura essencial de um mundo objetivo no qual Scheler e os outros discípulos viam sua tarefa própria e na qual trabalhavam fecundamente. Separaram-se dele nesse ponto (STEIN, 2019, P. 156).

Confiando na força da intuição das essências, Scheler realizou investigações de fundamentos, seguindo um posicionamento objetivo (mas não submeteu a intuição das essências a uma análise crítica). Seu grande mérito está nos ramos da filosofia da religião, sociologia filosófica e da ética. Sendo assim, “de todos os fenomenólogos, Scheler foi quem tomou posição mais dura contra a orientação crítica como orientação espiritual fundamental” (STEIN, 2019, p. 156). Isso se deu devido sua religiosidade, que exigia dos filósofos um olhar inocente e aberto, diante do mundo de Deus.

E por último, Heidegger se afasta do caminho de Husserl, a sua filosofia se caracteriza pela incumbência de entender a vida e a posição do ser humano na mesma. Sua filosofia está baseada no estudo do ser-aí. Segundo Heidegger, o sentido de *ser* e de *mundo* só pode ser aberto a partir da pesquisa do ser-aí, e somente a partir daí podem ser postas as questões filosóficas de princípios. Porém, o ser-aí não é o eu puro de Husserl; é o ser humano na sua existência (ser humano lançado na existência, proveniente de um passado obscuro, rumo a um futuro que também é obscuro) (STEIN, 2019, P. 157-158).

Retomando, Santos escreve o que realmente seria a significação de visão de mundo para a filósofa em questão:

Por visão de mundo Edith Stein entende a possibilidade de construção de uma “imagem de mundo completa” que consiste em “uma visão geral sobre tudo o que há, os ordenamentos e as conexões nas quais tudo se insere, sobretudo sobre o posicionamento do ser humano no mundo, sua providência e seu destino (STEIN, 2019, p. 138).

Assim sendo, compreende-se por visão de mundo, na visão steiniana, algo muito amplo, relacionado com tudo aquilo que está a nossa volta, mas, não só isso, mas também com as atitudes, com seu posicionamento, em todos os sentidos, no meio em que ele está inserido.

A primeira das *Jornadas de estudos da Sociedade Tomista* em que Edith Stein participou foram de grande importância, pois mostra através dos debates, aquilo que havia aprendido. Segundo as atas, a função dessa jornada não é somente compreender o que é a fenomenologia, mas, segundo Juvenal Savian Filho, na apresentação desse esboço: o pano de fundo da jornada, mais do que simplesmente compreender a fenomenologia, consistia na tentativa de resolver a questão da concordância ou contradição da fenomenologia com o tomismo, e, de maneira mais ampla, da fenomenologia com a fé católica” (STEIN, 2019, p. 167-168). A presença e o papel de Stein naquele movimento filosófico era de esclarecer aquilo que se havia de duvidoso entre os estudiosos do tomismo, que eram a maioria naquele encontro.

Segundo as intervenções de Edith Stein, percebe-se que há uma dificuldade no entendimento da fenomenologia e uma confusão no estudo do pensamento tomasiano, essa confusão se deu na maneira de interpretar as duas temáticas filosóficas: intuição e idealismo. A intuição, tanto para o pensador medieval quanto para o moderno, é um trabalho de análise; e o idealismo que faz da constituição uma simples doação de sentido subjetiva (STEIN, 2019, p. 169).

A insistência tomista no pensamento aristotélico como um pensamento filosófico e cientificamente correto é um principal elemento histórico e teórico útil para avaliar o sentido deste debate entre Edith Stein e os tomistas e estudiosos do pensamento de Tomás de Aquino, bem como da sua associação da fenomenologia com o pensamento tomasiano.

Este pequeno artigo marca sua fase madura, e porque não dizer, sua fase como fenomenóloga, dessa maneira, Filho afirma que:

A perspectiva visão dos conceitos de intuição e de idealismo, bem como da revisão do essencialismo e do platonismo, as intervenções de Edith Stein nos debates de Juvisty podem ser tomadas como eloquentes amostras da fase madura de seu pensamento, sobretudo no tocante à compreensão da fenomenologia de Husserl e da filosofia de Tomás de Aquino. (STEIN, 2019, p. 171).

Ainda há um pequeno manuscrito intitulado com a temática *Conhecimento, Verdade, Ser*, que foi entregue pela própria Edith ao seu colega e Doutor em filosofia Hans Brunnengräber, o mesmo possui 17 páginas. Gilfranco Lucena dos Santos afirma na apresentação do manuscrito, que, na visão do editor da primeira versão: “se levarmos em conta o estilo em que o texto foi escrito, ele certamente não foi elaborado em vista de uma preleção, parecendo muito mais um esboço para ulterior desenvolvimento. Este aspecto do estilo se nota especialmente nas primeiras páginas do texto, em que as sentenças se mostram lapidares e concisas, concentrando-se o mais das vezes em definições e diferenciações estritamente essenciais” (STEIN, 2019, p. 185-186). É possível que este manuscrito tenha sido uma síntese, resultado das conclusões baseadas na tradução steinianas da obra *De veritates*, de Tomás de Aquino, tendo como ponto de partida a problematização: o que é o conhecimento.

CONCLUSÃO

A fenomenologia foi objeto de estudo de vários pensadores, bem como Adolfo Reinach, Jean Hering, Hedwig Conrad-Martius, Max Scheler, Alexandre Pfänder, Edith Stein, entre outros. É notório entre os discípulos de Edmund Husserl ou daqueles que se reuniram ao seu redor um afastamento que ocorreu de forma gradativamente e com ritmos pessoais. Stein, a pensadora em estudo, permanece fiel ao procedimento fenomenológico, tudo aquilo que ela adquiriu com Husserl fez com que a autora se tornasse uma filósofa com uma teoria independente.

A temática trata-se do estudo dos fenômenos, da forma como a consciência humana é capaz de chegar ao núcleo do objeto observado por meio da percepção. Assim como Husserl, Stein não nega que para isso, a redução eidética e a redução transcendental são pontos essenciais na compreensão do estudo dos fenômenos e busca das essências. Como algo aparece para nós? Ou ainda, como aparece algo? Eram esses os questionamentos husserlianos, que abriram a possibilidade de alcançar as coisas mesmas. Isso que fascinou Stein, pois se trata especificamente de um trabalho de clarificação, e que forjava ferramentas intelectuais que ela necessitava para seus escritos.

No caminho da busca da verdade, Stein une-se ao pensamento de Edmund Husserl e Tomás de Aquino, a filosofia a proporcionou a certeza da fé, ao mesmo tempo que a sua busca intelectual se deu no conhecer o que está na essência do ser.

A busca pela verdade foi o que uniu Edith Stein a Edmund Husserl e a São Tomás de Aquino. A filosofia pôde dar a Stein a certeza da fé, já que a certeza é o número um da razão, razão que busca a plenitude das verdades. Isto foi o que permeou a busca intelectual de Stein: a verdade e o que está na essência do ser. Para ela, a busca de Deus para o homem acontece quando ele busca a si, e encontra em Deus motivo de elevação para sua alma.

Por fim, pode-se afirmar que o trabalho intelectual de Edith Stein possui todo um caráter fenomenológico. Antes de tudo, é válido ressaltar que nas gêneses de suas investigações, ela dedicou-se no estudo à língua e literatura alemã, bem como à história, à psicologia e à filosofia. Mas, algo a inquietava, e dando um passo maior, que foi sua adesão à fenomenologia, desenvolve todo um acervo fenomenológico próprio, certamente, não negando que esse salto se deu a partir das suas experiências e daquilo que ela havia compreendido das teorias husserlianas.

REFERÊNCIAS:

- ABBAGNANO, Nicolas. *Dicionário de Filosofia*. 5.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALFIERI, Francesco. *Edith Stein E Martin Heidegger: dois Itinerários de pesquisa antitéticos*. Síntese, Belo Horizonte, v. 45, n. 142, p. 259-270, Mai/Ago. 2018.
- BAREA, Rudimar. *O tema da empatia em Edith Stein*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- BELLO, Angela Alles. *Fenomenologia do Ser Humano*. Tradução de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000.
- _____, Angela Alles. *Fenomenologia, Metafísica e Ontologia em Edith Stein*. Memorandum, 29, out/2015. 194-207. Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP. 2006.
- _____, Angela Alles. *Fenomenologia, Ontologia e Metafísica em Edith Stein*. Memorandum, 29, 194-207; 2015.
- CABALLERO BONO, José Luis. *Sentido y alcance de la empatía en Edith Stein*. Burgense, v. 43, p. 395-419, 2002.
- FERREIRA, Elizia Cristina. *O sentido fenomenológico da noção de redução em Edmund Husserl: a relação entre transcendental e natural*. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- FILHO, Juvenal Savian. *De que falamos quando falamos de alma? Fundamentos da descrição da vida psíquica, por Edith Stein*. In: MAHFOUD, Miguel. *et al.* *Psicologia com alma: a Fenomenologia de Edith Stein*. – Belo Horizonte: Ed. Artesã, 2021.
- FONTES, André R.C. *Fenomenologia e direito*. v.3, n.1, p.1-132, abr. / set. 2010. Rio de Janeiro. (Cadernos da EMARF).
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- GOTO, T. A; MORAES, M.A.B. *A concepção de Fenomenologia para Edith Stein*. Revista Filosófica de São Paulo, São Paulo. v.10, n.2, jul./dez. 2016.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas: segundo volume, parte I: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Editado por Ursula Panzer; tradução de Pedro M. S. Alves, Carlos Aurélio Morujão. Diretor científico Pedro M. S. Alves; Revisor técnico-ortográfico para adaptação da Língua Portuguesa falada no Brasil: Marco Antônio Casa Nova. – Rio de Janeiro: Forense, 2015.

MACHADO, Elisângela Pereira. *A fenomenóloga de Göttingen: breve relato de trajetória Filosofia na vida de Edith Stein*. vol. 10 – n, 2. P.96-107. Dezembro, Porto Alegre: 2017)

NUNES, Etelvina Pires Lopes. *Consciência e temporalidade em Edith Stein: Em diálogo com Heidegger*. Trans/Form/Ação, Marília, v. 44, n. 1, p. 95-116, Jan./Mar., 2021.

SANTOS, Ivanaldo. *O Tomismo Fenomenológico de Edith Stein*. CEMOrOC – Feusp / IJI – Universidade de Porto. Set-dez- 2012.

STEIN, Edith. *Obras completas I. Escritos autobiográficos y cartas*. Vitoria/Madrid/ Burgos: El Carmen/Espiritualidade/Monte Carmelo, 2001.

_____, Edith. *Obras completas, escritos filosóficos; (etapa fenomenológica: 1915-1920)*. Direção de Julen Urkiga e Francisco Javier Sancho. Tradução do alemão: Constantino Ruiz e José Luiz Gaballero Bono. Revisão: Julen Urkigaa, OCD, 2002.

_____, Edith. *Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino*. Tradução de Ursula Anne Matthias...[et al] revisão da tradução e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. – São Paulo: Paulus, 2019. – Coleção Obras de Edith Stein.

_____, Edith. *Vida de uma família judia e outros escritos autobiográficos* [livro eletrônico]; tradução Maria do Carmo Ventura Wollny, Renato Kirchner, revisão da tradução e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. - São Paulo: Paulus, 2018.

_____, Edith. *Il prolema dell'empatia*. Tradução de E. Constanini e de E.S. Constantini. Roma: Studium, 2003.

_____, Edith. *Obras completas, escritos filosóficos; etapa do pensamento cristão*. Tradução do alemão por Alberto Pérez, OCD; José Machado; Constantino Ruiz Garrido – Burgos, 2002 (Vol.III).

_____, Edith. *Ser finito e ser eterno*. Coordenação João Ricardo Moderno; tradução Zaira Célia Crepaldi. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

_____, Edith, Sobre el problema de la empatía. In: E.Stein. *Obras Completas, v II: Escritos Filosóficos – Etapa Fenomenológica: 1915-1920*. Tradução de C. R Garrido e J. L. Bono. Burgs, Espanha: Editorial Monte Carmelo, 2005. P. 55-203.

TEIXEIRA, Lucas Pereira. *A abstração em Tomás de Aquino: um estudo a partir da primeira parte da suma de teologia*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo, 2021.

XIRAU, J. La Filosofía de Husserl – *Una Introducción a la Fenomenología*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.